

Credores oficializam as perdas

O Bank of America, Morgan e Manufactures contabilizam um prejuízo de US\$ 244 milhões com o Brasil

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

Três grandes bancos norte-americanos classificaram ontem seus empréstimos ao Brasil como **non performing** (créditos que não rendem juros e por isso entram como prejuízo nos balanços). Os três bancos — Morgan Guaranty Trust, Bank of America e Manufactures Hanover — têm emprestados ao Brasil US\$ 4,4 bilhões e calculam que terão um prejuízo conjunto de US\$ 78 milhões no primeiro trimestre deste ano e US\$ 244 milhões até o final do ano.

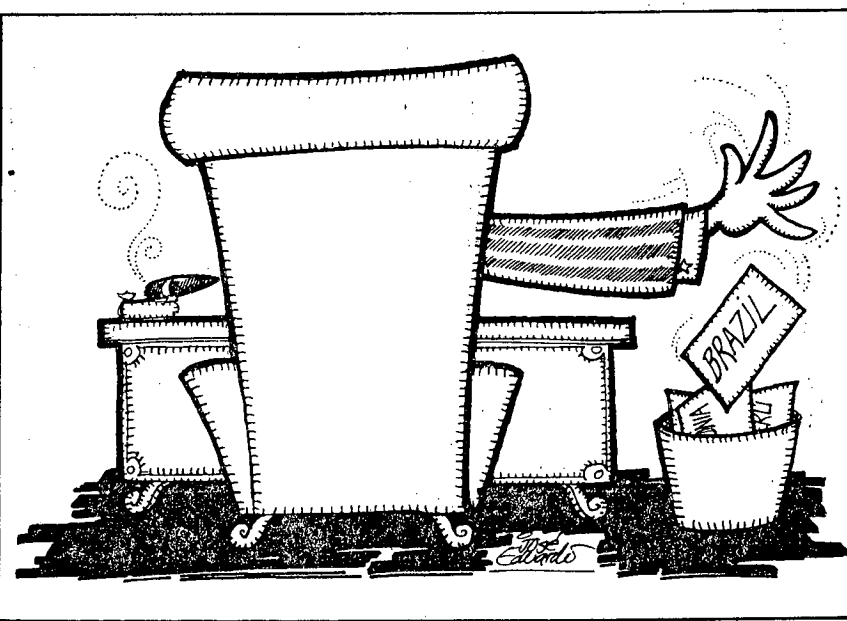
Esses bancos são os primeiros que fazem seus anúncios oficiais à Comissão de Controle Bancário do Governo dos Estados Unidos, e isto praticamente às vésperas da visita do ministro Dilson Funaro a Washington, na semana que vem.

"Na verdade, os bancos estão dando um recado é para a administração Reagan" — explicou, ontem, uma fonte bancária, acrescentando:

"É como se estivessem pedindo socorro, mostrando que se o governo e instituições internacionais não intervierem, levarão imensos prejuízos. Para o Brasil, na verdade, o que interessa é se seu débito está numa forma contábil ou noutra?

O comunicado do Morgan parece ter sido cuidadosamente escrito para não provocar o Brasil. E o momento, também: O banco acabou de manter por mais 60 dias as linhas de crédito de curto prazo abertas para bancos brasileiros.

"Uma coisa não tem nada que ver com a outra" — comentou o porta-voz, explicando que "não diminuímos nossa confiança na qualidade de crédito do Brasil". Mas ele não explicou por que o Morgan se antecipou com os empréstimos a médio e longo prazo, colocando-os em sua lista negra. Aqui, então, ele só leu uma declaração, informando que a legislação americana obriga os bancos a declarar como perdas os pagamentos



não realizados após 90 dias de vencimento.

O banco Morgan tomou a decisão (de não esperar o fim do prazo legal previsto) porque a maior parte dos empréstimos (feitos ao Brasil) vencerão no segundo e terceiro trimestres.

O Morgan pôs US\$ 1,3 bilhão em "non-accrual basis", uma forma de contabilidade em que o pagamento só é registrado quando de fato realizado em moeda. Segundo seu porta-voz, o prejuízo será de US\$ 20 milhões no primeiro trimestre, chegando a US\$ 72 milhões até o final do ano. Mas, ao mesmo tempo, o Morgan declara ter certeza de que o Brasil e seus credores comerciais começarão "logo" a renegociar a dívida, e que os juros voltarão a ser pagos "o mais cedo possível".

Já o Bank of America tem uma outra situação: este seria o ano em que pela primeira vez registraria lucros, depois de dois anos de imensas perdas. Com o Brasil, depois de sua

notificação oficial de ontem, ele estará deixando de coletar US\$ 40 milhões de juros neste primeiro trimestre, alcançando o total de US\$ 100 milhões até o fim do ano. Seu empréstimo ao Brasil é de US\$ 1,9 bilhão. O Manufactures Hanover também terá uma redução de sua renda líquida no primeiro trimestre de US\$ 18 milhões e de US\$ 72 milhões no ano todo.

Outros bancos estariam dispostos a seguir o Bank of America, o Morgan Guaranty e o Hanover, além do Citicorp, o maior credor brasileiro, que anunciou sua intenção, a pioneira, no dia 13 de fevereiro. Seriam o First Interstate, o Continental Illinois e o Chase Manhattan. O anúncio do Bank of América, do Morgan e do Hanover foi uma supresa total na tarde de ontem, quando a atenção da comunidade financeira estava toda concentrada na manutenção das linhas de curto prazo para os bancos brasileiros no Exterior, totalizando cerca de US\$ 5 bilhões.